

## O véu da noiva

Sentamo-nos juntos. A viagem começou. O caminho seria longo até a Cachoeira de Paulo Afonso.

Diante de sua beleza primorosamente desenhada, como a de um quadro renascentista, a proximidade transformou-se em enlevo.

O nome evocava um dos poemas épicos de Virgílio, autor latino que procurou vincular a origem dos romanos ao sobrevivente da Guerra de Troia e que se apaixonou por uma princesa cartaginesa, séculos antes do *Delenda est Carthago*.

O ônibus avançava celeremente estrada adentro. O sol, causticante e inclemente, sufocava a paisagem com o brilho e o calor intenso de sua presença.

Olhamo-nos. Ela sorriu. O diálogo restringiu-se a escassas palavras. A emoção era incontida. Conhecia-a havia algum tempo e surpreendi-me com a sua presença nessa viagem. Por diversas vezes, entretanto, entabulei conversa que falasse coisas do coração. Ela simplesmente contemplou-me com uma lonjura no olhar como se fosse de outro mundo ou de outro espaço.

A paisagem, inóspita, ficava para trás. Mandacaru e xique-xique era a vegetação do percurso.

A areia, se a tivéssemos nas mãos, escapar-nos-ia por entre os dedos, fina e fugidia como se fora de um deserto.

Veio a noite. O céu, sem a eletricidade e as luzes das cidades, pontilhava de estrelas. A lua, arredondada, assumiu uma dimensão que a fazia parecer estar pertinho da terra, apenas tangível ao toque de um aceno.

Adormeceu. Sob o reflexo do luar, a sua face projetava o encanto de uma divindade grega, o perfil de uma musa da poesia ou da música. Envolvi-me com o êxtase daquele instante. Estar ali, admirando-a, bastava-me! Se pudesse eternizar aquele instante, debruçar-me-ia enfeitado a decantar perenemente o deslumbramento daquela visão. Foi quando uma espécie de aura alcançou-a, à semelhança de um véu, ornando-a como noiva a entregar-se ao seu amado. Imaginei-a com um véu branco, cobrindo-lhe os cabelos e caindo aos ombros a amaciar-lhe o colo com a leveza do seu tecido. Uma visão esplendorosa.

Subitamente, uma parada. Descemos do ônibus. Andamos lado a lado como se o silêncio pudesse falar. Viu a banca de flores e namorou a rosa vermelha.

Comprei a flor. Um botão com as pétalas ainda abraçando-se umas às outras com receio de desabrochar. Segurou-o entre as mãos.

Regressamos às nossas poltronas. Não importava os demais passageiros, embora todos fossem conhecidos. O nosso microuniverso compunha-se de dois olhares que insistiam em atravessar a retina e mergulhar “no outro” que habita o eu de dentro.

Novamente a estrada, a claridade de uma noite de lua cheia, o frio e o silêncio da madrugada. A paisagem que corre esbaforida para que outra a substitua.

Cerrei os olhos. Lá pelas tantas, Paulo Afonso e as quedas d’água que alcançam 80 metros de altura. Chegamos. Acordaram-me. Tocaram-me no ombro. Abri os olhos e ela não mais estava ao meu lado. Imaginei que descera com os demais.

As águas da cachoeira catadupejavam. Um espetáculo grandioso da natureza. “O véu da noiva” espargia pingos d’água para regar o sonhar de um amor fluorescente. A cachoeira rolava como o ribombar de um canhão. O barulho, ensurdecedor, não me fazia compreender a resposta evasiva das pessoas ao perguntar pela sua presença.

Não a vi. Ninguém a viu. Disseram-me que viajava sozinho. Tudo teria sido um sonho impossível?

Entristeci-me. Perambulava diante da cachoeira, quando tomei a decisão de regressar ao ônibus. Adentrei-o. Estava vazio. Uma fragrância de flores inundava o veículo, esparramando o perfume da saudade. Pareceu-me vê-la andando em minha direção, um xale de crochê nos ombros a emoldurar o vestido preto que realçava a brancura de sua pele. Sorriu. Abri e fechei os olhos. Nada, ninguém. Foi quando me deparei com as poltronas onde nos sentamos. Em uma delas, silenciosa, achava-se uma rosa vermelha.